

DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR: PRÁTICAS E DIDÁTICA DOCENTE

HIGHER EDUCATION TEACHING: PRACTICES AND TEACHING DIDACTIC

Rogério Cleiton de Andrade¹, Juliana Aparecida Dias Maciel²

¹Graduado em pedagogia pela Universidade Federal de Rondônia, especialista em Neuropsicopedagogia Institucional e Docência no Ensino Superior. roger_jip@hotmail.com

²Bacharel em Nutrição, especialista em gestão em saúde pública. julianadiasmaciel@hotmail.com

RESUMO

Este artigo é o resultado de uma pesquisa bibliográfica sobre a docência no ensino superior, cujo objetivo é orientar atuais e futuros profissionais sobre a identidade e a prática da profissão docente no ensino superior. Para isso, foram selecionadas como referências artigos e pesquisas publicadas nos últimos dez anos, que pudessem contribuir para a compreensão da realidade e das necessidades relativas ao tema. Nesta construção alguns depoimentos sobre a atuação de docentes, deram maior criticidade ao texto, possibilitando uma maior reflexão. As discussões apontam que a qualidade de ensino da universidade e o trabalho do docente realizado em sala de aula, são de uma estreita relação e precisam estar alinhados, principalmente porque são através deles que formaremos profissionais capacitados/as para atenderem a clientela externa. As habilidades do docente implicam diretamente do protagonismo dos/as estudantes, se o professor possui didática e dinamismo em sala de aula, logo percebe-se estudantes mais motivos a permanecer em sala, sendo protagonista na construção do seu conhecimento. Os cursos de ensino superior devem dar o suporte para os novos profissionais e cidadãos. Somente com a prática e desenvolvimento da atividade intelectual realizada de forma concreta e participativa tem-se a formação do ser integral. A metodologia do ensino superior deve levar o estudante a entender os mecanismos que levam ao aprendizado de forma consciente e independente, mais isso é somente possíveis com professores/as do Ensino Superior que também tenham essa formação integral, essa didática e essa autonomia que pretende despertar em seus estudantes.

Palavras-chave: Docência no ensino superior. Professor no Ensino Superior. Didática no Ensino Superior.

ABSTRACT

This article is the result of a bibliographical research on teaching in higher education, which aims to guide current and future professionals on the identity and practice of the teaching profession in higher education. For this, articles and research published in the last ten years that could contribute to the understanding of the reality and the needs related to the theme were selected as references. In this construction some statements about the performance of teachers, gave greater criticality to the text, allowing a greater reflection. The discussions point out that the quality of university teaching and the teacher's work performed in the classroom are closely related and need to be aligned, mainly because it is through them that we will train qualified professionals to serve the external clientele. The teacher's skills imply directly from the protagonism of the students, if the teacher has didactics and dynamism in the classroom, then students realize more reasons to stay in the classroom, being a protagonist in the construction of their knowledge. Higher education courses should support new professionals and citizens. Only with the practice and development of intellectual activity carried out in a concrete and participatory way is the formation of the integral being. The methodology of higher education should lead the student to understand the mechanisms that lead to learning in a conscious and independent way, but this is only possible with teachers of higher education who also have this integral formation, this didactics and this autonomy that aims to awaken. on your students.

Keywords: Teaching in higher education. Professor in Higher Education. Didactics in Higher Education.

1. INTRODUÇÃO

As vivências no ambiente acadêmico e os relatos de amigos/as sobre a atuação dos seus professores e professoras referente à falta de metodologia/didática que possibilitasse a aprendizagem e despertasse o interesse e a motivação pelo estudo despertou o interesse por essa linha de pesquisa. Buscando entender o processo educativo dos docentes no ensino superior e quais suas preparações para atuar nesse espaço.

Essa é uma pesquisa bibliográfica sobre a docência no ensino superior, cujo intuito é orientar atuais e futuros profissionais sobre a identidade e a prática da profissão docente no ensino superior que agregue nesta construção práticas mais construtivistas, incentivadoras e integradoras fomentando profissionais mais dinâmicos e mediadores.

Neste sentido discutiremos neste artigo, quais os principais apontamentos que foram relatados sobre os diversos profissionais docentes que atuam no ensino superior e que precisam atualizar as didáticas e metodologias utilizadas em sala de aula para atender a clientela do século atual e as propostas do mercado de trabalho. Após essa análise foi possível caracterizar o planejamento, as práticas pedagógicas e a interação comunicativa (dificuldades pragmáticas) que desenvolvem os professores/as devido ao comodismo no ambiente acadêmico possibilitando propor metodologias baseadas em vivências e relatos para melhorar a didática dos profissionais em educação no Ensino Superior.

Nesta pesquisa bibliográfica usamos como principais referenciais, Saviani (1998), Vasconcelos (1998), Libâneo (2004), Gonçalves e Siqueira (2018) e Bazzo (2006) e normativas do MEC relacionadas à docência no Ensino Superior e para a construção da pesquisa utilizamos diálogos informais e pesquisa de opinião em Ji-Paraná, especificamente com indivíduos que concluíram o ensino superior ou que estão cursando o mesmo.

Para nortear, apontaremos embasado nos referenciais e nos relatos, os principais erros cometidos pelos profissionais em educação no ensino superior que despertam o desinteresse nos acadêmicos/acadêmicas e propiciam a evasão, ou apontam para estudantes sem senso crítico ou interesse pela pesquisa e extensão.

Assim, este estudo promove reflexões sobre alguns aspectos que já foram publicados sobre a docência do ensino superior, bem como sobre possibilidades para aprimorar a prática docente, sobre as suas mudanças nos últimos anos, tendo em vista o trabalho desse profissional dentro das salas de aula ser o responsável pela formação dos profissionais de diversas áreas do saber, os quais são colocados no mercado de trabalho todos os anos.

2 PERFIL DO PROFESSOR/A DE ENSINO SUPERIOR

Com este estudo percebemos que a identidade do professor/a universitário por vezes se perde nas funções que desempenha na instituição e na sociedade. As exigências que caracterizam o exercício da profissão ficam, por vezes, escondidas e não bem definidas dentro do próprio corpo docente, em função da diversidade de formações de origem, das afinidades que se estabelecem por área de saber e dos diferenciais entre as várias universidades, essas caracterizações e atribuições muitas vezes se perdem as práticas docentes, fomentado ao entendimento de um profissional despreparado ou desinteressado pela sua área de atuação.

Parcialmente a culpa para essa situação e o fato da inexistência de uma formação específica como professor universitário. Neste sentido a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, de 1996, estabelece que essa formação se realize, preferencialmente, em programas de mestrado e doutorado (BRASIL, 1996), entretanto percebemos que esses cursos têm foco maior formar pesquisadores.

Neste sentido percebemos que formar professores/as universitários geram a reflexão, são resgatadas nossas experiências enquanto aluno/a, refletindo as práticas dos professores em nosso processo de formação, muitas vezes se espelhando neles, vale ressaltar que este espelhamento nas práticas escolares muitas vezes não atendem as necessidades atuais. Nesta construção apontamos através de depoimentos alguns relatos referentes a atuação do docente no Ensino Superior.

Meu professor de Citologia, uma matéria que achei que seria muito prática, em nenhum momento me motivou a pesquisar, sempre inventa desculpas para não nos levar ao laboratório, passa inúmeros slides que percebemos ser os mesmos de anos atrás, inclusive eu sei que alguns termos já foram até atualizados, gostaria de dizer que essa matéria me motivou a pesquisar ou atuar em algum seguimento, porem só posso dizer que aprendi a ver um professor desmotivado e cansado (Informação verbal).¹

Nesse sentido, Benedito, Ferrer e Ferreres (1995), afirmam que “o professor universitário aprende a sê-lo mediante um processo de socialização em parte intuitiva, autodidata ou seguindo a rotina dos outros”. Percebemos então, professores/as que atuam refazendo as práticas de profissionais com mais tempo de atuação, e criando suas metodologias

¹ Depoimento concedido por Luís Fernando em janeiro de 2019, estudante em processo de conclusão do curso de agronomia da Universidade Luterana do Brasil – Campus Ji-Paraná.

e maneiras de atuação. Embora os professores/as universitários possuam experiências significativas na área de atuação ou tenham um grande embasamento teórico, predominam, no geral, o despreparo e até um desconhecimento científico do que seja um processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Masetto (1998), até a década de 1970, “praticamente exigia-se do candidato a professor de ensino superior o bacharelado e o exercício competente de sua profissão”, com base no princípio de “quem sabe, sabe ensinar”. Percebemos então a necessidade de fomentar novos profissionais em docência no ensino superior, que atendam às necessidades do mundo contemporâneo, visando propiciar profissionais engajados em todas as áreas de atuação da sociedade.

Libâneo (1998) apresenta a Pedagogia como um campo de conhecimento sobre a problemática educativa na sua totalidade e historicidade e ao mesmo tempo, uma diretriz orientadora de ação educativa que deve ser trabalhada. Neste sentido as práticas pedagógicas referem-se às finalidades da ação educativa, implicando objetivos sociopolíticos a partir dos quais se estabelecem formas organizativas e metodológicas da ação educativa, nesta imparcialidade questionamos sobre o marco Didática, onde ela se encaixa nas práticas pedagógicas nós sabemos bem, entretanto como ela vem sendo trabalhada dentro do planejamento dos professores/as e como estas metodologias vem sendo vistas pelos acadêmicos/as e o que buscamos nortear.

Com base nos estudos de Azzi (2000) e Caldeira (1995), a didática pode ser percebida como uma espécie de metalinguagem, em que, por meio do exercício da docência, há a possibilidade de reflexão sobre a prática realizada. Sendo assim, o conhecimento/saber e a linguagem devem se encontrar em um mesmo autor, criando assim uma didática de mediação dos conhecimentos, propiciando abordagens significativas, motivando a criticidade em busca e novas pesquisas. Com essa didática sendo mais clara, numa metodologia construtivista percebemos que só vem a fortalecer as questões de mudanças, encorajando ações para a defesa da formação de professores qualificados para o desenvolvimento da prática docente nas universidades.

Percebi meu professor de didática tão desmotivado, com um slide que aparentemente parecia ter sido criado a dois ou três anos atrás. Ele falava de didática de uma maneira teórica e tradicional, não compreendi como seria essa didática o vendo dar aula (Informação verbal).²

² Depoimento concedido por Josiane em novembro de 2018, estudante em processo de conclusão do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Rondônia.

Foi possível perceber também enquanto conhecíamos os diferentes espaços universitários de Ji-Paraná –RO, que existe uma parcial significativa de professores/as que atuam no Ensino Superior em disciplinas específicas que façam ligação com a sua área de formação inicial, entretanto não tem relação nenhuma com o curso ao qual estão inseridas. Ou seja, o/a profissional era ministrar a disciplina por exemplo no curso de farmácia, não tendo conhecimento nenhum da graduação, mesmo que a disciplina seja teórica quando mais o profissional souber informações do curso, mais autonomia e segurança terá para ministrar a disciplina.

Percebemos ainda, que hoje em dia é comum analisarem currículos com olhar para o que os/as profissionais foram durante sua vida acadêmica e se formados para serem professores. O valor da experiência no magistério e os cursos de formação para a docência são vistos com um olhar mais cuidadoso pelas instituições de ensino superior, neste caso pensa-se que estes estão mais preparados para atuar em sala. Percebemos então que muitos especialistas em seus campos de conhecimento atuam em sala de aula, imaginando que a sua formação didático-pedagógica poderá ser adquirida naturalmente ao longo da sua experiência, entretanto, em muitos casos isso não acontece, tornando-se docentes sem didática, com metodologias cansativas e inapropriadas para a clientela acadêmica. Neste sentido Gonçalves e Siqueira (2018) abordam que:

Por isso, para ensinar, o professor necessita de conhecimentos e práticas que ultrapassem o campo de sua especialidade. Segundo Libâneo (2004, p. 122), que reitera Davydov, “a coisa mais importante na atividade científica não é a reflexão nem o pensamento, nem a tarefa, mas a esfera das necessidades e emoções”. Assim, a necessidade de desenvolver ações de formação continuada para o provimento das deficiências de muitos dos profissionais que atuam na Educação Superior é urgente, especialmente porque muitos atuam também na formação de docentes para a Educação Básica. Além disso, com o advento de novas propostas educativas e o perfil inovador exigido dos futuros profissionais, torna-se imprescindível a formação de professores reformulando os valores e a didática, com vistas à qualificar o processo educativo e profissionalizar a ação docente.

Percebeu-se que assim como para a pesquisa e ser tornar um pesquisador se exigia desenvolvimento de competências próprias, e a pós-graduação buscou resolver esse problema, à docência no ensino superior também exigia competências próprias que desenvolvidas trariam àquela atividade uma conotação de profissionalismo e superaria a situação até então muito em contradição de se ensinar por vocação ou por amor. Não bastará apenas usar o título de professor/a de universidade ou ainda dizer que essa atuação é apenas para completar a renda financeira, infelizmente ouvimos ainda estas falas, que ainda inferiorizam ainda mais os docentes atuantes e fortificam ser esse os motivos ruins das práticas em sala de aula.

Claramente fica visível que o processo de construção de conhecimento, para o professor universitário é permanente e neste mostrará aos estudantes a necessidade de atualização, de formação continuada, de entender o novo público, que cada turma é diferente e exige metodologias diferentes. Neste contexto, exige-se que seja um professor pesquisador, que demonstre aos seus alunos o interesse em sempre aprender e, concomitantemente, o interesse em ensinar num processo dinâmico, preferencialmente que as metodologias sejam participativas e que o acadêmico seja construtor deste conhecimento e o professor/a um mero facilitador/a.

Afirmamos ainda que o perfil deste professor/a pesquisador não deverá ser apenas de entusiasmar seus estudantes e motivá-los a querer saber mais, mais ir além da motivação para construir conceitos concretos e práticos para a execução das suas profissões, acompanhando as mudanças que a passagem do tempo nos apresenta, sem afetar o conhecimento e a qualidade de ensino.

Além destas características específicas, outras características foram/vão surgindo para nortear as ações e condutas do profissional docente, neste percebemos a necessidade de um professor/a dinâmico, proativo, comunicativo, organizado, com uma didática discursiva/prática que favoreça o diálogo e propicie debates, mais entendemos que precisam ser professores/as humanizadores que acreditem no potencial dos indivíduos, que estimulem a busca por novos caminhos, que apresentem possibilidades de estudos e que unam a teoria com as práticas pedagógicas não de maneira assustar, mais de maneira a formar profissionais que se sintam preparados para a resolução de situações-problemas.

2.1 FORMAÇÃO DO PROFESSOR/A DO ENSINO SUPERIOR

Debatemos sobre as características do docente que atua no Ensino Superior, colocando alguns pontos referentes a sua atuação negativa, criticando suas condutas repetitivas e sua falta de didática, entretanto se faz necessário refletir qual foi a sua formação para atender neste espaço. Segundo Lima (2000), a preocupação com a formação do professor pesquisador estaria fundamentada na intenção de tirar a educação apenas da transmissão de conhecimento já formulado, fazendo com que esse não fosse apenas repasse de conteúdo, justamente por isso a pesquisa possibilitaria aos professores/as exercerem um trabalho com os estudantes com o fim de formular novos conhecimentos ou o questionamento tanto sobre a validade quanto sobre a

pertinência dos já existentes, instigar e fomentar novos conhecimentos seria o ponto chave da formação desses acadêmicos/as. Neste sentido Gonçalves e Siqueira (2018) apontam que:

[...] pode-se definir o professor como aquele profissional que ministra, relaciona ou instrumentaliza os alunos para as aulas ou cursos em todos os níveis educacionais. Segundo suas concepções, o professor-pesquisador, é aquele que exerce a atividade de buscar reunir informações sobre um determinado problema ou assunto e analisá-las, utilizando para isso o método científico com o objetivo de ampliar o conhecimento de determinado assunto, descobrir algo novo ou refutar conjecturas anteriores.

Neste sentido, para realizar um trabalho didático-pedagógico significativo com a realidade que está inserido, o/a professor/a deve ser crítico e perspicaz para estimular seus estudantes, sem que estes percebam que estão sendo provocados criticamente, faz-se necessário que este profissional seja também ético, uma vez é formador de opinião, ter vocabulário organizado e condizente com a realidade profissional, ser reflexivo da prática constante de seu trabalho, reconhecer a cultura de seus estudantes. Apontamos então, qual a formação do docente para preencher esses requisitos, entendemos que o estímulo é fundamental para fomentar professores críticos, mais percebemos também em muitas graduações e especializações a falta deste estímulo para fortificar esses traços do profissional docente.

Temos tantas discussões sobre a formação pedagógica do professor/a universitário, entretanto ainda somam a estas discussões críticas sobre as práticas pedagógicas inadequadas destes profissionais. Para o ensino superior não há um curso específico de formação a docentes regulamentados, como em outros níveis. O artigo 66 da Lei de Diretrizes e Bases de 1996 (BRASIL, 1996), admite que esses profissionais sejam preparados em cursos de pós-graduação, prioritariamente em cursos *stricto sensu* os quais, porém, não são obrigatórios. A Lei deixa lacunas para interpretações dúbias, ou ainda pior, que sejam sanadas de acordo com os estatutos e regimentos de cada instituição de ensino superior.

Saviani (1998) evidencia sua preocupação com a formação pedagógica do professor universitário, citando detalhes acerca da necessidade de capacitação para o uso de modernas tecnologias de ensino. Já prevendo, na década de 1990, as necessidades de hoje e sabedor de quão importante é a relação entre professor e aluno, ele anteviu os problemas pelos quais passam o ensino superior hoje, tais como o uso das novas tecnologias, o crescimento das diferenças sócio-culturais acentuadas dentro dos ambientes de ensino superior e o desenvolvimento de uma subclasse de ditos profissionais da educação que não são formados como educadores, mas, detém o conhecimento necessário para a formação de novos profissionais. (GONÇALVES E SIQUEIRA, 2018)

Percebemos então que as nossas Diretrizes não concebem o processo de formação para a docência no ensino superior com todo o rigor que necessita. Neste sentido as próprias faculdades criam suas normativas para contratação, muitas vezes fomentadas com base em princípios que não dialogam com a realidade do curso, trazendo assim profissionais não capacitados para atender determinada realidade.

Para o novo professor/a que deverá atender as necessidades do mundo contemporâneo, saber dialogar com a realidade dos alunos e fundamental, fomentar um profissional competente e múltiplo nas várias relações que necessita desenvolver durante a sua atuação e fundamental. Neste sentido quais são as disciplinas que deveriam ser trabalhadas para fomentar esse “super professor universitário,” essas características no processo de formação devem estar vinculadas a sua formação inicial, mas outras características devem ser agregadas.

Constata-se, porém, que os professores do ensino superior, em muitos casos, se identificam profissionalmente como engenheiro, advogado, médico, que dão aula no ensino superior. Isso mostra, de um lado, certa valorização social do título de professor universitário; porém, de outro, uma valorização maior de sua competência como profissional para o mercado de trabalho; isto é, ser apenas professor universitário parece ter pouco valor; mas ser médico professor, dentista professor, advogado professor, engenheiro professor ou outro, rende prestígio e *status* no exercício de sua profissão, mas sem o caráter formal da profissão de professor e todas as peculiaridades atinentes a esta função (VASCONCELOS, 1998).

Neste contexto, percebemos que primeiro deverá surgir a valorização desses profissionais, não receberemos apenas o título de professor universitário, ou será que é apenas isso que queremos enquanto profissional atuante em faculdades e universidades, devemos sempre buscar reflexões que nos levam inovar ou repensar as nossas práticas.

Aos profissionais, não só da educação, a formação continuada tem como objetivos propor novas metodologias e colocar os profissionais a par das discussões teóricas atuais, com a intenção de contribuir para as mudanças que se fazem necessárias para a melhoria da ação pedagógica na escola e conseqüentemente da educação. Claro que somente isso não basta, que a prática irá ainda assim direcionar e moldar o profissional, entretanto estes precisam estar interligados a novas reflexões.

Fica nítido, portanto, que a ausência dessa formação pedagógica vem delegar um peso enorme a esses professores frente às interfaces do “que ensinar” como ensinar” e a “quem ensinar”, os quais ao transitarem entre o amadorismo profissional e a profissionalização, confrontam com várias dificuldades que não são previsíveis e passíveis ao exercício da prática docente. No geral, os professores que por razões e interesses variados, adentram no campo

universitário, são de variados conhecimentos e áreas de atuação e em sua maioria, não tiveram nenhum contato anterior com os conhecimentos nas áreas das Ciências humanas e sociais, para compreender, interpretar e aplicar a prática, numa perspectiva filosófica e política de educação como processo e produto que as várias correntes de pensamento dão a esses termos (DAVID, 2017).

Fica visível que, nesta construção os professores já atuantes mais que não se sentem preparados para a docência precisam de apoio da instituição, e neste sentido uma instituição que visa a formação continuada, a especialização na sua área com certeza irá fomentar profissionais mais capacitados para atuarem nas salas de aula. Nesta não podemos esquecer das trocas de experiências e os feedbacks bem articulados propiciarão novos professores que consigam colocar em prática teoria/práticas mais engajadas e articuladas que possibilitem o ensino-aprendizagem.

Essa questão merece destaque especial uma vez que o nosso sistema educacional possibilita que pessoas atuem como professores universitários sem nenhuma formação e prática em docência. A orientação, do ponto de vista legal, é que essa formação se dê em cursos de pós-graduação, preferencialmente em cursos de mestrado e doutorado.

Atualmente os cursos de pós-graduação se dividem em *lato sensu* (especialização) e *stricto sensu* (mestrado e doutorado). O título de especialista é dado após o cumprimento de uma carga horária mínima de 360 horas de aula e a entrega de uma monografia. Já ao mestre, além das aulas, é exigido participar de seminários e a apresentação de uma dissertação, com a defesa perante uma banca examinadora. Para o doutor, há um aumento da carga horária e dos seminários, com a entrega e defesa de uma tese, que deve ter caráter inédito, para uma banca de exame formada por doutores.

Percebemos que é muito comum o/a estudante terminar a graduação e iniciar logo em seguida a pós-graduação, sem ter exercido a profissão, logo tendo uma grande bagagem acadêmica e teórica, mas pouca experiência como é o meu caso. O problema é que esse/a estudante, quando conclui o mestrado, acaba se transformando em professor universitário sem nunca ter trabalhado no seu ramo, além disso, a pós-graduação *stricto sensu* é muito mais voltada para a formação de pesquisadores do que para a da docência.

Percebemos com a pesquisa que os estabelecimentos de ensino superior dão preferência à contratação de docentes com pelo menos o mestrado, uma vez que os cursos são avaliados pelo número de mestres e doutores. Assim, temos um/a profissional que nunca exerceu a profissão e também não está preparado para a docência. Porém, tratam-se, sem dúvida, de jovens brilhantes e com ótima base de conhecimento. Cabe neste sentido a instituição moldar a

construção de um perfil profissional que contemplem os conhecimentos específicos e amplie a área e conhecimento pedagógico com formações continuadas na área de como atuar em sala de aula e não ser apenas um mero transmissor de conteúdos, principalmente nesta era tecnológica que temos acesso a informação na palma das nossas mãos. Tais ações devem contribuir para a formação de um perfil de professor/a universitário.

As possibilidades desta formação recaem, portanto, sobre os cursos de formação docente e, também, precisam ser desenvolvidas pelas próprias instituições, por meio de programas institucionais de formação continuada. As instituições de ensino superior devem ser o lugar de socialização dos conhecimentos acumulados historicamente e também o lugar de geração e criação de novos conhecimentos, gerados por seus professores pesquisadores. Certamente, são exigidas habilidades diferentes: às vezes, um bom pesquisador não será um bom professor. Para o docente, não é necessário possuir somente o conhecimento, mas também saber como fazer para que os seus alunos possam se apropriar dos mesmos, aprendê-los. Como não se forma um profissional apenas com as fundamentações teóricas, é imprescindível o conhecimento prático, que pode ser obtido mediante as experiências da carreira profissional ou mediante a pesquisa e a extensão realizada nas instituições de ensino superior. (GONÇALVES E SIQUEIRA, 2018)

Entendemos também que a formação é diretamente ligada a prática, diante das vivências e das próprias experiências e, especialmente, a troca de experiências com os colegas de profissão, em situações que promovam a reflexão sobre os resultados dessas experiências, o que contribui em muito para o desempenho docente.

A problemática do professor/a no ensino superior por sua vez acaba deixando de lado suas principais características do magistério em favor apenas do exercício do saber por meio da pesquisa, publicações dentro outros nuances acadêmicos, deixando a arte de lecionar de lado ou não fundamentada na didática. Os/as docentes devem ser preparados para a arte do ensinar, não basta ser um bom pesquisador, e organizar grupos de estudos e extensão, necessário se faz que seja também um bom docente, que saiba ensinar e facilitar a construção do conhecimento, ter um bom ou ótimo conhecimento sobre as especificidades do processo de ensino-aprendizagem.

2. 1.1 Estratégias de atuação em sala de aula

Neste último tópico iremos apontar algumas ações que diretamente ligadas as didáticas em sala de aula e ao conhecimento, irão propiciar aulas mais dinâmicas, buscamos ouvir nesta,

alguns relatos de acadêmicos e acadêmicas, bem como pessoas que já passaram pelo ensino superior e trazem suas experiências.

Iniciamos apontando que estabelecer uma relação de confiança mútua é fundamental para minimizar a dificuldade comunicativa entre o professor/a e os estudantes. Se perceberem que buscamos usar a palavra estudante ao invés de aluno, e justamente pelo significado da palavra, o dicionário trás o significado da palavra “Aluno” como um ser sem luz, e em nossas abordagens enquanto professores construtivistas percebemos e valorizamos que o mesmo não é um ser sem luz, todos e todas trazem uma bagagem, um conhecimento prévio.

Essa é uma perspectiva da pedagogia culturalmente sensível e requer do professor/a sensibilidade e compromisso social que permita uma relação de igualdade e respeito, acreditando que todo estudante é capaz de construir uma aprendizagem significativa, independente da classe social a que pertença, motivando e possibilitando que o mesmo seja protagonista do seu conhecimento. Esta postura favorece o clima de confiança, permitindo que o/a estudante possa participar mais ativamente na construção do próprio conhecimento.

Estudos apontam que as relações estabelecidas entre professor e aluno no processo de ensino-aprendizagem são decisivas ao possibilitar a construção do conhecimento. Nesse sentido, a relação pedagógica do professor pautada no respeito e afetividade favorece a produção do conhecimento como prática humanizada. (BAIBICH-FARIA, 2004).

Passamos então da relação professor/aluno para outro ponto importante, domínio do conteúdo a ser aplicado. Ouvimos algumas falas que nos provocam reflexões a cerca deste processo, “Parecia que o professor estava aprendendo o conteúdo junto conosco, ele lia o slide, pensava e falava seu entendimento”, percebemos falas que caminhavam para esse direcionamento, reafirmando que o domínio do conteúdo é fundamental para que a docência não apenas no Ensino Superior, mais em todas as etapas de formação do estudante, justamente por ser através desta que o estudante vai sentir segurança naquilo que está aprendendo.

A gestão pedagógica da instituição precisa entender esse processo, viabilizar profissionais que possuem um alto conhecimento das suas disciplinas, pois assim se sentirão completamente atraídos pelo assunto, e claro isso terá grande impacto no desempenho dos estudantes, falar com paixão daquilo que se gosta torna-se ainda mais agradável aos ouvidos. Sendo assim, orientamos que os coordenadores de cursos estimulem seus docentes a conhecer bem todos os aspectos relacionados a suas matérias, bem como, a conhecer mesmo que de maneira mais superficial, as demais matérias do curso ao qual faz parte, buscando assim fazer

e correlacionar suas matérias a conteúdos seguintes ou anteriores, e preciso dar “liga” a esse conhecimento. Apontamos nesta, a troca de experiências com demais profissionais, cursos de atualização, ou seja, ser de fato um professor mais “antenado” para atender sua clientela.

Outro ponto importante para o docente, saber respeitar as diferentes formas e ritmos de aprendizagem, não existe um pacote de estudantes que aprendem no mesmo ritmo, existem estudantes com conhecimentos prévio diferentes e que também aprendem em ritmos diferentes, com metodologias variadas. Isso não significa que o professor/a deverá pensar em uma atividade para cada estudante, mais que primeiro não deverá se martirizar por não atender a todos, segundo que deverá buscar metodologias que atendam maior parte da turma e claro entender os processos possibilitando meios alternativos neste percurso. Isso com certeza aliviará muitas tensões existentes em sala de aula, criada por ambas as partes.

Outro ponto que percebemos ser bastante pertinente a este bloco, fala justamente do aprendizado. Nele afirmamos que o professor/a deverá introduzir novos conhecimentos de uma maneira progressiva, ou seja, possibilitar que os estudantes assimilem esse novo conhecimento antes de dar início a novos conceitos. O conhecimento reflexivo deve partir do/a estudante que aprendeu por exemplo uma nova teoria, entretanto não refletiu como ela poderia ser colocada em prática. Este aprendizado mediado pelo docente poderia ser melhor abordado acompanhado de dinamismo didático e abordagem significativa.

Claro que poderíamos dar seguimento a este tópico e por fim sairia a construção de uma dissertação de mestrado, de tão amplo que este conteúdo poderá ser. Entretanto, vamos nortear o último ponto que abordamos ser pertinente as ações de um professor do Ensino Superior, nesta sala de aula o professor deve nortear que seja prazeroso o processo de aprendizagem, onde a sala de aula deve prolongar-se pela biblioteca, pelos corredores, pelos museus, cinemas, exposições, lojas, fabricas e todos os demais espaços que possam estar interligados a área de conhecimento, quando falamos isso apontamos para uma aprendizagem mais significativa, sendo está também prazerosa, não por obrigação de ler um livro, mais porque “Eu” enquanto professor acadêmico lí o livro e com entusiasmo fiz o prefácio e despertei o interesse em meus estudantes.

Finalizamos este tópico reafirmando conforme destaca Santomé (2002), que as instituições escolares são lugares de luta, e a pedagogia pode e tem que ser uma forma de luta político-cultural. As escolas, instituições de socialização, têm como missão expandir as capacidades humanas, favorecer análises e processos de reflexão em comum da realidade,

desenvolver nos/as estudantes os procedimentos e destrezas imprescindíveis para sua atuação responsável, crítica, democrática e solidária na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo proposto em conjunto com as reflexões a respeito da Docência do Ensino Superior permite afirmar que se faz mais que necessário o desenvolvimento de formações voltadas à formação pedagógica do/a professor/a universitário/a, despertando também para o compromisso com as ações educacionais focando na didática em sala de aula. Vale reafirmar que os depoimentos mencionados neste artigo não têm o intuito de criticar as ações dos profissionais do Ensino Superior, mas repensar as práticas realizadas dentro de sala de aula, em um contexto de refletir que existem inúmeros motivos que levaram as práticas evasivas na sua atuação.

Neste sentido, o desafio então, que se impõe é o de construir a identidade de professor/a universitário/a, baseado não apenas no processo de formação superior (especialização/mestrado/doutorado) mais partindo das práticas em sala de aula, das vivências e didáticas que propiciam a transmissão do conhecimento de forma dinâmica, dando aos acadêmicos/as a autonomia, criticidade, possibilitando ainda que o próprio docente se sinta motivado a construir cada vez mais novas práticas para atender a clientela. E que essa formação o conduza a ser um profissional solidário, mais humano, justo, ético, líder, autônomo e reflexivo de sua prática.

Com os autores mencionados nos tópicos anteriores, pudemos entender a importância de primeiro, entender o trajeto dos professores que irão atuar em nossas salas de aula do Ensino Superior, as formações são de extrema importância, mas não podemos esquecer da importância de profissionais com didática para ministrar essas aulas, se não possuem a experiência em sala de aula, seria interessante propor formações continuadas que agreguem essas formas de abordagens.

Reafirmamos que as abordagens em sala de aula devem trazer uma bagagem teoria, mais que através da metodologia construtivista e possível propiciar aos próprios acadêmicos a autonomia ainda maior para construir seu conhecimento. Essas abordagens são possibilitadas através de um docente aberto ao diálogo, profissional este que permita que os estudantes deem o feedback, que sintam que a construção do conhecimento e um processo de mão dupla.

REFERÊNCIAS

BAIBICH-FARIA, Tânia Maria. MENEGUETTO, Francis Kanashiro. **Metodologia do ensino superior ou ética da ação do Professor**. Curitiba: UFPR/GT: Didática, 2004.

BENEDITO, A. V, FERRER, V E FERRERES,V. **La Formación Universitária a Debate**. Publicaciones Universitat de Barcelona. Barcelona: 1995.

CASANOVA, Rosani. **A prática docente em sala de aula: mediação pedagógica**. Simpósio sobre formação de professores. Educação básica: Desafios frente as dificuldades educacionais. Tubarão - SC. 2013.

DAVID, Ricardo Santos. **Formação de professores para o ensino superior: docência na contemporaneidade**. Revista Periferia : Educação cultura e comunicação. Florida Christian University (FCU). Uniatlântico v.9 n.2 jul-dez 2017.

GONÇALVES, Cristiane Maria Barcelos. SIQUEIRA, Lizarda de Moraes Cardoso e. **Docência no Ensino Superior: Identidade, prática e didática docente**. Trabalho apresentado para a conclusão do Curso de Especialização em Docência na Educação Superior da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Minas Gerais. (2018)

LIMA, Elvira Souza. **A função antropológica de ensinar**. Revista Nova Escola, São Paulo, v. 15, n. 138, p. 9-11, Dez. 2000.

MASETTO, Marcos. **Docência na Universidade**. Campinas: Papirus, 1998

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **As culturas negadas e silenciadas no currículo**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Alienígenas na sala de aula. Petrópolis: Vozes, 1995.

VASCONCELOS, Maria Lúcia M. Carvalho. **Contribuindo para formação de professores universitários: relato de experiências**. In: MASETTO, Marcos Tarciso (Org.). A Docência na universidade. Campinas, Papirus, 1998.